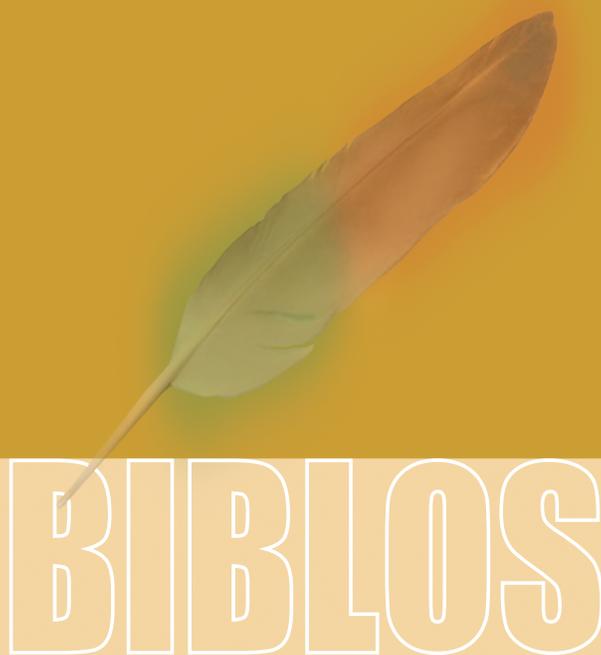


A República e as Letras



REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

**Discurso de Elogio do Apresentante Fernando José de Almeida
Catroga**

proferido pela

Professora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro
Universidade de Coimbra

Magnífico Reitor Cancelário
Senhor Presidente do Conselho Geral
Senhor Director da Faculdade de Letras
Excelentíssimas Autoridades Académicas, Civis, Militares e Religiosas
Caros Colegas: Doutores, Assistentes, Leitores e Investigadores
Senhores Membros do Conselho Geral e do Senado
Prezados Estudantes
Senhores Funcionários
Minhas Senhoras e Meus Senhores

454

Não será menos sacralizante a festa neste Espaço, a festa de uma comunidade – a da Academia da Universidade de Coimbra – que se sente participante num momento histórico, que transcende tanto os próprios indivíduos, isoladamente considerados, como, ao nível do tempo, o seu próprio presente, dado que a festa os funde numa totalidade prospectiva e de vocação universal.

Os ritos e as liturgias são fundamentais para estimular, para consolidar a sociabilidade. Símbolo moral, acção pedagógica e científica cujo ritualismo hoje também aqui celebramos. Festa como forma de objectivação por forma a solidificar a unidade ao redor de uma memória e de uma esperança no conturbado caminho que hoje percorremos.

Que não nos vença o desencanto e que nos vivifique a *anima* esta hora auspiciosa, logo, futurante, porque a comemoração implica também uma clara finalidade revivescente. Recordo, a propósito, as palavras de Fernando Catroga: “se as comemorações parecem ser, por um lado, um culto nostálgico e regressivo, por outro, o passado é reinterpretado à luz da lição que se pretende dar ao presente e ao por-

vir». A esta luz, a comemoração constitui uma *metamemória* inscrita na memória – repetição e, como tal, inseparável das suas ritualizações. Assim, esta prática concretiza a política da memória que sempre esteve subjacente às festas instituídas, transformando-as em *espectáculo*. Nela se dará a valorização do papel pedagógico de dimensão terrena da vida, como se relevará a importância dos ritos de rememoração no reforço do “cosmos”. Ou como ensinava Miguel Baptista Pereira, eles mostram que não se pode dar futuros ao futuro sem se doar futuros ao passado.

Hoje, a Universidade de Coimbra abre as suas portas para receber, com magnificência, nesta Sala Grande dos Actos, um novo Doutor – John Greville Agard Pocock – que permanece na vanguarda do pensamento histórico do nosso tempo. A sua obra e as suas notáveis qualidades intelectuais têm reforçado o seu espírito crítico e criativo e a sua reconhecida clarividência.

Homenagem justa e oportuna, e um nobilíssimo gesto, a proposta da Faculdade de Letras acolhida com júbilo pela nossa Universidade.

Louvar a figura e a obra do Doutor John Pocock coube ao meu Caro Colega Rui Cunha Martins.

Celebração, festa e rememoração é reconhecer que os homens ou os acontecimentos que nelas se evocam constituem um exemplo a seguir com perseverança, para quem se dedica de forma indelével à Carreira Universitária. E mais se afirma pertinente, no caso presente, mercê também da personalidade científica do seu Apresentante (assim diz o protocolo académico), o nosso ilustre Colega Fernando José de Almeida Catroga.

Cumpre-me, e tenho hoje essa oportunidade, o que muito me honra, de proferir o elogio académico deste distinto Colega e insigne Mestre da nossa Universidade que apadrinha o Doutorando. Aceitei o convite com particular gosto, direi mesmo, com sentida alegria. As minhas palavras serão muito singelas, num discurso ditado, porém, pela total sinceridade e admiração. Mas sinto-me igualmente honrada por participar neste ritual simbólico da nossa *Alma Mater*, na presença de insignes Doutores, de reputadas personalidades, de familiares e de amigos que querem partilhar da festa que hoje congrega a Universidade de Coimbra.

Limitar-me-ei a tributar o alto apreço e o reconhecimento pelo seu saber, pela sua dedicação institucional, pelos seus méritos académi-

cos que tanto consideramos, mas que, neste acto solene da liturgia universitária, aqui e hoje distinguimos. Os seus merecimentos e virtudes são do conhecimento geral. Estou certa que a amizade e a consideração pessoal me desculpabilizarão, porém, de algumas das minhas omissões.

Como universitário, Fernando Catroga é indiscutivelmente um Académico, e sublinho, uma das mais destacadas personalidades do nosso património intelectual. Acrescento ainda, é um insigne Mestre no campo historiográfico. O seu prestígio ultrapassou, há muito, o quadro da nossa Escola, da sua, da nossa Universidade.

Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra desde 2001, ainda estudante de Filosofia, e aluno distinto, o seu espírito vivo e as suas capacidades intelectuais foram reconhecidas pelos seus – nossos – saudosos Mestres Miguel Baptista Pereira, Victor de Matos, José Sebastião da Silva Dias. Concluiu o curso de Filosofia em 1972, depois de forçada interrupção para prestação do serviço militar compulsivo; e, a este propósito, não posso deixar de lembrar a sua militância política e cívica nos anos 60.

Em 1973, o Doutor Silva Dias convidou-o para integrar o Projecto de Investigação patrocinado pelo Instituto de Alta Cultura. Iniciou a sua carreira de Assistente do Grupo de História da Faculdade de Letras, em Novembro de 1974. Apresentou a sua tese de doutoramento à Universidade de Coimbra em 1988, na área de História Moderna e Contemporânea, sobre o tema *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal 1865-1911*.

A sua vocação académica manifestou-se muito cedo e a precoce visão de multi e interdisciplinaridade é bem evidente no arrebatado brilhantismo na regência de disciplinas na área da História, da Filosofia, da Cultura, das Mentalidades, da Teoria da História e do Conhecimento Histórico. Não tive o privilégio de ter sido sua discípula, mas das suas lições, a que assisti voluntariamente e com denodado interesse, guardo gratas recordações de um Professor de excepção.

Da sua actividade docente realce-se ainda a participação no largo espectro temático de seminários, no âmbito de cursos de Pós-Graduação, em Portugal e no estrangeiro, a convite de várias instituições universitárias.

Esta invulgar aptidão pedagógica transparece, de igual modo, no incentivo a jovens investigadores, que orientou e estimulou na forma-

ção académica e cujos trabalhos científicos não deslustram o Mestre. Na verdade, encontrou disponibilidade de tempo e de espírito e soube entusiasmar alguns dos seus melhores discípulos na senda da investigação, colhendo estes do seu Mestre e Orientador o gosto, a curiosidade intelectual e o necessário rigor científico.

O poliédrico pensamento de Fernando Catroga, científico e cultural, manifesta-se sobejamente no seu percurso académico de historiador, de filósofo, de homem de cultura, de historiador das ideias e reflecte-se na multiplicidade de centenas de comunicações, que crescentemente tem vindo a dar a público. A solicitação frequente a nível nacional e no estrangeiro (Brasil, França, Espanha, Estados Unidos, Itália, Alemanha) comprova a incontestável competência científica e pedagógica que irradia, quer nos círculos académicos, quer entre os públicos mais diversificados. A par do profícuo trabalho docente, as suas propostas de reflexão, como bem gosta de apelidar o seu saber, estimulam o debate vivo, propiciam a discussão crítica e animam o diálogo interpelante.

A expressão cabal da sua densidade de investigador e de historiador ressalta na sua multímoda e extensíssima bibliografia que abrange dezenas de títulos – monografias, colaboração em revistas nacionais e estrangeiras, prólogos a livros de vários autores, em audiovisuais – todos eles de leitura obrigatória, de inquestionável interesse e relevante prestígio científico. Os títulos das suas publicações são, como bem se sabe, demasiado numerosos para os citar aqui e agora. Compreende-se.

Dos seus trabalhos recebemos novas luzes para a interpretação do processo do conhecimento histórico, da história da cultura e das mentalidades, da cultura portuguesa, dos discursos, dos homens, das práticas e das representações da sociedade contemporânea.

Fernando Catroga munuiu-se sempre de um sólido aparelho conceptual que a finura intuitiva complementa, consolida e engrandece.

Extensa e variada, repito, a sua obra patenteia inegável rigor metodológico e científico e nela se distingue, com mestria, o carácter inovador dos conteúdos. E foi esse rigor crítico e fundamentado saber que o guindou a um lugar cimeiro na historiografia portuguesa. E também não lhe são estranhos o gosto estético, uma fina sensibilidade e o poder da palavra.

A sua obra pioneira e a originalidade da sua abordagem abrem caminhos, logo na década de 70, à compreensão de figuras liberais, repu-

blicanas e socialistas, permitindo-nos perscrutar o diálogo com Garrett, Herculano, José Falcão e Emídio Garcia, com Antero de Quental, Oliveira Martins, Bernardino Machado, António Sérgio, Joaquim de Carvalho, Sílvio de Lima, Eduardo Lourenço, entre tantos outros. Os estudos sobre a maçonaria, sobre a questão ibérica, sobre a cremação, sobre a laicização e secularização da sociedade e do pensamento denunciam um intenso labor e uma sólida argumentação conceptual e teórica que começou a emergir nos seus primeiros estudos sobre a cultura republicana intitulados *Os inícios do positivismo em Portugal* e *A importância do positivismo na consolidação da ideologia republicana em Portugal*, ambos de 1977, e objecto de investigação amplamente alargado na sua tese de doutoramento, de 1988, já citada, sobre *A militância laica e a descristianização da morte em Portugal (1865-1911)*, ainda hoje obra de referência fundamental e obrigatória para nosso proveito e para nosso deleite.

No seu vastíssimo trajecto de historiador poderão eleger-se grandes linhas que marcam o seu percurso intelectual: os estudos de cultura portuguesa, onde cabe um particular destaque ao republicanismo; de Teoria da História e conhecimento histórico; das ideias, ideologias, política e memória. Progressivamente, a sua ascese reflexiva preparou a deslumbrante frutificação da maturidade, hoje já bem consubstanciada na rica e abundante produção editorial, na sua actividade docente e na sua participação cívica.

Não é de estranhar, portanto, que os seus méritos obtivessem, há muito, o reconhecimento dentro e fora do país. Compreende-se, assim, que altas distinções sancionem e distingam o historiador, o intelectual, o seu mérito científico. Por isso mesmo, recebeu a Medalha de Honra da Universidade de São Paulo, por ocasião do projecto de criação da “Cátedra Jaime Cortesão”. Sem dúvida, um real e simbólico testemunho do seu prestígio. Pelo seu contínuo sucesso foi igualmente agraciado com a comenda de S. Tiago (comenda que premeia o mérito científico, literário e artístico) pelo então Presidente da República Dr. Jorge Sampaio.

Por tudo isto, decerto, e pelas mesmas razões, não lhe faltaram convites para integrar missões universitárias e culturais que se multiplicaram ano após ano (disso são exemplos os insistentes convites ao reputado historiador do republicanismo em Portugal aquando de reme-

moração, que ora festejamos, dos 100 anos da República), missões, dizia, que exerce com brilho, eficiência e singular dedicação.

Recordo as páginas sugestivas consagradas à questão religiosa e ao laicismo em Portugal, às festas de cultos cívicos, ao anticlericalismo e livre-pensamento, à construção da memória liberal que comprovam à saciedade uma persistente curiosidade intelectual e uma relevante competência policêntrica. Assim continuou, produzindo uma mais dilatada obra consagrada a *O Republicanismo em Portugal (Da formação ao 5 de Outubro de 1910)* em dois volumes. Não surpreende que ela represente, ainda hoje, – o que se comprova pela sua recente 3.^a edição – uma referência obrigatória, exactamente porque nos abriu uma nova compreensão sobre os acontecimentos, os retratos das personagens, os discursos, as práticas, as representações, os símbolos republicanos.

E, como é timbre da escola que o formou, desde sempre praticou a história comparativa, pois coloca a temática que investiga em correlação com fenómenos externos similares, partilhando a importância desse paralelo, perscrutando as afinidades discursivas num processo de longa duração que lhe permite mais do que julgar, compreender, relativizar e explicar.

Nesta senda de quem escreve história, recordo, para sublinhar, os vários estudos que publicou no Vol. V da *História de Portugal*, coordenado por Luís Reis Torgal e João Lourenço Roque, em 1993. Nestes e em outros trabalhos, impressionou a sua prospectiva síntese de que são exemplo os capítulos da obra *História da História em Portugal – séc. XIX-XX*, em colaboração com Luís Reis Torgal e José Amado Mendes (1996).

Uma vez mais, a componente teorizante se revela instigadora, estimulante, e com particular cariz inovador pelas indagações e conclusões sobre a ritualização da história, o ritualismo comemoracionista, as comemorações como liturgias cívicas, que em consistentes demonstrações nos oferece à leitura num misto de respeito hermenêutico pelo seu objecto, mas também numa atitude desconstrutivista dos seus significados ideológicos. Em particular, e permito-me encarecer, o que o historiador escreveu na sua obra *Nação, Mito e Rito. Religião Civil e Comemoracionismo* (Ceará, 2005). Não admira, diz Fernando Catroga, que «as comemorações surgissem a ritmar a concepção evolutiva do tempo e representassem autênticas lições móveis de história. Com elas,

procurava-se recordar o passado e suscitar o irrompimento do invisível como arquétipo paradigmático». Socorrendo-se da evocação de textos e de autores e do seu alcance pragmático em contextos variados, torna-se bem claro, como brilhantemente o autor demonstra, que «as comemorações cívicas mobilizam a memória, chamando-a a desempenhar a mesma função pedagógica que era atribuída a toda a literatura histórica». E conclui: «as comemorações cívicas – qual religiosidade civil – foram criadas para serem vividas como manifestações simbólicas, em que se reafirma a continuidade histórica dos povos e da humanidade». Elas são, ou podem ser, o garante da necessária articulação entre o passado, o presente e o futuro, elas são, ou podem ser, «meio de combate contra a amnésia colectiva, ou melhor, como forma de luta pela produção (e reprodução) de uma nova memória».

Assim, acrescento eu, Fernando Catroga permite-nos revisitare os mitos e cultos cívicos, propondo-nos o remate que se impõe: a sacralização da ideia de Nação e de Pátria e a elevação da História como fonte de virtudes cívicas, mas também sem se esquecer dos esquecidos.

Por isso, nos acautela para esta outra face do fenómeno: uma política de memória é sempre uma memória política.

460

Ligada a estas preocupações, surge como lógico que tenha explorado, na linha de sugestões de Michel de Certeau e Paul Ricoeur, as possíveis analogias entre a escrita da história e os cultos anamnésicos e, em particular, os de âmbito tanatológico. Penso mesmo que esse é o objecto de um dos seus mais recentes livros, de 2009, a que deu o sugestivo título, *Os Passos do Homem como Restolho do Tempo. Memória e Fim do Fim da História*, sem dúvida a obra em que mais explicitamente liga a reflexão historiográfica com a reflexão filosófica.

Com efeito, nela, à luz da dialéctica entre recordação e esquecimento, procura comparar a estrutura narrativa da memória, quer com a dos discursos historiográficos, quer com as grandes representações sobre o devir humano. É seu objectivo encontrar diferenças e afinidades entre três modos de representar o passado – a consciência mítica, a teologia cristã e as teorias ocidentais modernas acerca do sentido de devir. Num discurso interrogante e reflexivo conduz o leitor à conclusão fundamental que cito: «na contemporaneidade, não se assiste ao fim da história, mas ao fim das concepções que ditaram o fim da história».

Como é característica de muitos académicos, esta obra acolhe investigações que foram sendo testadas através de artigos e de múltiplas conferências. E o mesmo acontece numa outra sua obra maior, publicada em 2006 e este mês reeditada. Refiro-me ao livro com o feliz título, *Entre Deuses e Césares. Secularização, Laicidade e Religião Civil*. Nele permanece e persiste o diálogo interpelante e interrogativo sobre problemas que, no subtil dizer do autor, «inquietam o tempo e a norma dos nossos dias», e que têm muito a ver com as actuais preocupações respeitantes à emergência de uma realidade mais complexa e multicultural, acompanhada não só pela irrupção do aparente «regresso do religioso», mas também pelas suas derivas fundamentalistas. Inscrevendo-as no seu permanente interesse pela *cultura republicana*, o livro articula a historiografia conceptual com a história das ideias num longo percurso que, vindo da Grécia, culmina na análise das incidências da globalização, isto é, no modo como as sociedades nacionais e pós-nacionais se terão de reorganizar para serem, de acordo com o velho ideal republicano, “Cidade de Todos”. No dizer de Anselmo Borges, que o prefaciou, trata-se de um contributo para que «os encontros inevitáveis de deuses e césares sejam pacíficos e enriquecedores». Por tudo isto, compreende-se que o juízo autorizado de Anselmo Borges tenha considerado o livro “como o melhor que se publicou em português» sobre o tema. E o crítico do jornal *Expresso* foi ainda mais longe ao colocar a obra «não só entre o melhor que sobre esta matéria se publicou em português..., mas sim, muito justamente, entre o melhor que já foi escrito num plano mais global, aquém e além fronteiras».

Por outro lado, ao reler estes dois livros que acabei de sintetizar, penso não ser descabido, mais do que em qualquer outro, encontrar nelles o magistério de Miguel Baptista Pereira que, nas palavras de Carlos André, deixa esta lição aos seus discípulos: “questiona o mundo, a si mesmo questionando, na procura do caminho, o caminho fecundo da insatisfação”. À sua maneira, é isto que Fernando Catroga tem procurado cumprir.

Continuando a ir ao encontro do contexto em que esta cerimónia se inscreve, uma última palavra sobre o trajecto intelectual do Apresentante, para destacar os recentes estudos em que, levando em conta o reacender do debate sobre o republicanismo – no seio do qual a obra de John Pocock foi pioneira – e também em diálogo, entre outros,

com Habermas e Maurizio Viroli – Fernando Catroga se tem debruçado sobre a história e os conceitos de pátria e virtude desde a *politeia* grega até ao desafio lançado por Habermas, com o conceito de “patriotismo constitucional”. Uma mostra desta linha de investigação encontra-se numa série de artigos que tem dado a lume a partir de 2008 e de onde destaco os que, aqui, mais importam: *A Constitucionalização da virtude cívica (os seus ecos nas Cortes vintistas)*; *Os Pais da Pátria Liberal; Pátria, Nação e Nacionalismo*; *Em Nome de* (uma longa digressão sobre o elo entre virtude, tirania e tiranicídio, desde a Antiguidade até à onda de atentados de fundo anarquista perpetrados nos finais do século XIX e princípios do século XX, contra reis, príncipes, princesas, presidentes da República e ministros), capítulos de um livro com um título já anunciado: *A Geografia dos Afectos Pátrios*. Em poucas palavras, a estratégia que os unifica pode ser resumida a algumas teses que passo a enunciar: a ideia de pátria é ôntica, lógica e cronologicamente anterior à ideia de nação e de nacionalismo; se todo o nacionalismo pretende ter o monopólio do patriotismo, nem todo o patriotismo é um nacionalismo; e se a ideia de que a *patria natural* não se confunde com a *patria civitatis*, ter-se-á de aceitar que os sentimentos de pertença são plurais e coexistentes. Realidade que se acentua nos dias de hoje e que constitui um forte desafio à capacidade de inclusão do Outro nas sociedades, nacionais e pós-nacionais contemporâneas, com uma composição crescentemente multi-étnica e multi-cultural. Esse é o grande desafio que o republicanismo actual tem de resolver.

Não inventariarei, repito, outras das múltiplas publicações nem as centenas de palestras, conferências e lições em que Fernando Catroga ilustra com brilhantismo o seu saber multifacetado, quer pela elegância da escrita, quer pela palavra viva, vigorosa e vibrante. A sua cultura dinâmica e aberta transpõe-se na docência, na investigação, mas também, gosto e quero reiterar, na sua participação cívica.

Neste labor, e à imagem do seu – permito-me acrescentar, nosso – Mestre e Orientador José Sebastião da Silva Dias, de igual modo Fernando Catroga rejeitou tanto o ensaísmo sem investigação como a investigação sem reflexão. E foi, e é, como em Silva Dias, do entrecruzamento entre a filosofia e a história que resulta a força da sua historiografia, abrindo novas perspectivas e caminhos inovadores já consagrados pela comunidade científica internacional.

Encontrou ainda disponibilidade para assumir funções como Director do Instituto de História e Teoria das Ideias e, ainda hoje, as de Director da *Revista de História das Ideias*, publicação de referência da nossa Faculdade, da nossa Universidade, e com reconhecido impacto internacional. Integrou, com empenho, dezenas de júris de provas académicas em várias instituições universitárias e coordenou uma Linha de Investigação no Centro de História da Sociedade e da Cultura. Várias Comissões Organizadoras e Científicas de Congressos, Colóquios, Cursos e Exposições têm contado com a sua experiência, a sua sábia orientação e exigência científica. Assim acontece, por exemplo, hoje, no âmbito da Comissão Nacional para as Comemorações da República.

Evoco ainda a dimensão mediática com que ilustrou vários programas televisivos, como os da Universidade Aberta, e em tantos outros de índole diversa, em dezenas de entrevistas na rádio e em jornais e na sua participação activa em fóruns culturais.

Como muitos dos seus discípulos, como muitos dos nossos Colegas, sinto-me devedora do saber fecundante, da cultura multímoda, do espírito dinâmico de Fernando Catroga. Do sucesso do ilustre Colega a cultura portuguesa, a história, a nossa Faculdade e a nossa Universidade são as primeiras a beneficiarem.

O seu olhar interrogante, a sua busca permanente de informação actualizada, o seu rigor crítico, a viva curiosidade pelo mundo, pela vida, pelo Outro, transparecem na sua obra, nas suas lições, no diálogo académico, mas também na conversa comum em que partilha, com inteligência brilhante e sagesa crítica, e, não raro, fina ironia, o seu saber, a sua experiência, a sua inquietude e os seus sonhos.

A sua formação humana e a constância das relações com os Outros privilegiam a amizade e a gratidão.

Não é só por tudo isto, mas por tudo ainda que dele será dito, que a presença de Fernando Catroga, nesta cerimónia, como Apresentante do novo Doutor, assume um significado especial na consagração *Honoris Causa* de John Pocock.

Magnífico Reitor Cancelário

Na sua eloquente e constante reafirmação do valor das Humanidades, da História, da Ciência Política, o Doutorando defende melhor a sua causa do que nós seríamos capazes de fazer. Pelos muitos méritos e qualidades do Doutorando e pela garantia do seu Apresentante, que cauciona a sua investidura, pedimo-vos, portanto, que o Doutorando seja acolhido na congregação dos Doutores da Universidade de Coimbra e que seja concedido a John Greville Agard Pocock, ilustre historiador, distinto Professor e Ilustre Colega, o grau de *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra, mais enriquecida que fica com tão ilustre personalidade de subido mérito internacional. Distinção justa e Homenagem que muito honra a nossa Universidade pelo reconhecimento de um Grande Homem de Cultura.

Disse.

Maria Manuela Tavares Ribeiro
Universidade de Coimbra, 29 de Setembro de 2010